



ANNE FORTIER



JULIETA

Duas famílias, uma antiga maldição,
um amor quase impossível





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para minha amada mãe, Birgit Malling Eriksen,
cuja magnanimidade e hercúlea pesquisa
tornaram este livro possível.

Alguns terão perdão, outros castigo;
De tudo isso há muito o que falar.
Mais triste história nunca aconteceu
Que esta, de Julieta e seu Romeu.

– SHAKESPEARE

PRÓLOGO

*D*izem que morri.

Meu coração parou e eu não respirava – aos olhos do mundo, estava morta de verdade. Alguns dizem que durou três minutos, outros afirmam que foram quatro. Pessoalmente, começo a achar que a morte é, acima de tudo, uma questão de opinião.

Sendo Julieta, acho que eu devia ter percebido que isso ia acontecer. Mas queria muito acreditar que, dessa vez, não seria de novo a mesma velha tragédia lamentável. Dessa vez ficaríamos juntos para sempre, Romeu e eu, e nosso amor nunca mais seria interrompido por tenebrosos séculos de exílio e morte.

Mas não se pode tapear o Bardo. Assim, morri, como tinha que ser, quando minhas falas se esgotaram, e tornei a cair no poço da criação.

Ó alegre pena, eis tua folha.

Pronto, tinta, deixa-me começar.

*Que sangue é esse aqui que mancha
A pedra do portal deste sepulcro?*

Demorei um pouco a descobrir por onde começar. Você poderia dizer que minha história teve início há mais de 600 anos, com um assalto numa estrada na Toscana medieval. Ou, mais recentemente, com uma dança e um beijo no Castello Salimbeni, quando meus pais se viram pela primeira vez. Mas eu nunca ficaria sabendo de nada disso sem o acontecimento que mudou minha vida da noite para o dia e me obrigou a viajar à Itália em busca do passado. Esse acontecimento foi a morte de minha tia-avó Rose.

Umberto levou três dias para me encontrar e me dar a triste notícia. Considerando minha virtuosidade na arte de desaparecer, muito me admira que ele tenha conseguido. Mas, por outro lado, Umberto sempre teve a insólita capacidade de ler meus pensamentos e prever meus atos e, além disso, havia um número limitado de colônias de férias dedicadas a Shakespeare na Virgínia.

Quanto tempo ele ficou lá, assistindo do fundo da plateia à representação teatral, não sei dizer. Eu estava nos bastidores, como sempre, absorta demais com as crianças, suas falas e a cenografia para notar qualquer outra coisa a meu redor até cair o pano. Depois do ensaio geral daquela tarde, alguém tinha posto o frasco de veneno no lugar errado e, na falta de coisa melhor, Romeu teria de cometer suicídio comendo balinhas Tic-Tac.

– Mas elas me dão azia! – queixou-se o menino, com toda a angústia acusatória de um adolescente de 14 anos.

– Excelente! – respondi, resistindo ao impulso maternal de ajeitar a boina de veludo em sua cabeça. – Isso o ajudará a entrar no personagem.

Só mais tarde, quando as luzes se acenderam e a garotada me arrastou até o palco para me bombardear com sua gratidão, notei aquela figura familiar parada perto da saída, contemplando-me em meio aos aplausos. Rígido e majestoso como uma estátua, com seu terno e gravata escuros, Umberto se destacava como um junco solitário de civilização num charco primitivo. Sempre fora assim. Desde quando eu me lembrava, ele nunca havia usado uma única peça de roupa que se pudesse considerar informal. Para ele, bermudas cáqui e camisas polo eram trajes de homens aos quais não restara nenhuma virtude, nem mesmo a vergonha.

Mais tarde, quando a investida dos pais agradecidos diminuiu e pude finalmente sair do palco, o diretor do projeto me parou por um instante. Ele me

segurou pelos ombros e me sacudiu calorosamente – me conhecia bem demais para tentar me dar um abraço.

– Ótimo trabalho com a garotada, Julie! – comentou, animado. – Posso contar com você de novo no próximo verão, não é?

– Com certeza – menti, recomeçando a andar. – Estarei por aqui.

Enfim me aproximando de Umberto, busquei em vão aquele arzinho de felicidade que costumava surgir no canto de seus olhos quando me via depois de um certo tempo. Mas não havia nem sinal de sorriso e então compreendi por que ele tinha vindo. Aninhando-me em silêncio em seu abraço, desejei ter o poder de virar a realidade de cabeça para baixo, como uma ampulheta, e fazer com que a vida não fosse um processo finito, mas uma passagem perpetuamente repetida por um buraco no tempo.

– Não chore, *principessa* – murmurou ele, com o rosto em meu cabelo –, ela não gostaria disso. Não podemos viver para sempre. Ela estava com 82 anos.

– Eu sei, mas... – Recuei e enxuguei os olhos. – Janice estava lá?

Umberto apertou os olhos, como sempre fazia quando se mencionava minha irmã gêmea.

– O que você acha? – retrucou.

Só então, olhando de perto, vi que ele parecia magoado e ressentido, como se houvesse passado as últimas noites bebendo até dormir. Mas talvez isso fosse natural. Sem tia Rose, o que seria de Umberto? Até onde minha memória alcançava, os dois sempre tinham estado atrelados numa parceria necessária de dinheiro e força bruta – ela bancando a beldade que fenecia, ele, o mordomo paciente – e, apesar de suas diferenças, estava claro que nenhum dos dois jamais se dispusera a tentar viver sem o outro.

O Lincoln havia sido discretamente estacionado perto da fogueira e ninguém viu Umberto pôr minha velha mochila no porta-malas, antes de abrir a porta traseira com deliberada cerimônia.

– Quero me sentar na frente. Por favor!

Ele balançou a cabeça com ar reprovador e abriu a porta do carona:

– Eu sabia que tudo ia desmoronar.

Mas nunca tinha sido tia Rose quem insistira na formalidade. Embora Umberto trabalhasse para ela, sempre havia sido tratado como uma pessoa da família. Mas nunca retribuía da mesma forma. Toda vez que tia Rose o convidava a se sentar conosco à mesa de jantar, Umberto simplesmente a fitava com intrigada tolerância, como se, para ele, fosse um eterno mistério o fato de ela continuar a convidá-lo e, de algum modo, simplesmente não entender. Umberto fazia todas as refeições na cozinha: sempre fora e sempre seria assim, e nem mesmo o nome de Cristo – proferido com exasperação crescente – era capaz de convencê-lo a se sentar conosco, nem sequer no Dia de Ação de Graças.

Tia Rose desdenhava essa peculiaridade de Umberto como coisa de europeu, o que emendava sem esforço com um discurso sobre tirania, liberdade e independência, que inevitavelmente culminava em ela nos apontar o garfo e rosnar “e é por isso que *não* passaremos as férias na Europa. Especialmente na Itália. Fim de papo”. Pessoalmente, eu tinha quase certeza de que Umberto preferia fazer as refeições sozinho apenas por considerar sua própria companhia muito superior ao que tínhamos a oferecer. Ficava lá na cozinha, tranquilo com sua ópera, seu vinho e seu pedaço de queijo parmesão perfeitamente curado, enquanto nós – tia Rose, Janice e eu – trocávamos farpas e tiritávamos de frio na sala de jantar. Se eu pudesse, também teria passado todos os minutos de todos os dias na cozinha.

Ao cruzarmos o escuro vale do Shenandoah nessa noite, Umberto me falou das últimas horas de tia Rose. Ela havia morrido serenamente, durante o sono, depois de uma noite em que ouvira todas as suas canções favoritas de Fred Astaire, em seus discos cheios de estalos. Ao se extinguir o último acorde da última melodia, ela se levantara e abrira a porta dupla envidraçada que dava para o jardim, quem sabe querendo aspirar mais uma vez o perfume das madressilvas. Enquanto ficou parada ali, de olhos fechados, contou-me Umberto, as longas cortinas de renda tremularam em volta de seu corpo esguio sem fazer nenhum som, como se ela já fosse um fantasma.

– Será que fiz a coisa certa? – perguntara ela, baixinho.

– É claro que fez – fora a resposta diplomática de Umberto.

ERA MEIA-NOITE QUANDO deslizamos pela entrada de automóveis da casa de tia Rose. Umberto já me avisara que Janice tinha chegado da Flórida naquela tarde, com uma calculadora e uma garrafa de champanhe. Mas isso não explicava o segundo carro esporte estacionado bem em frente à porta.

– Espero sinceramente que não seja *aquele* o agente funerário – comentei, tirando a mochila da mala antes que Umberto pudesse chegar a ela. Mal pronunciei as palavras, estremeci diante de minha própria irreverência. Era completamente atípico eu falar assim, o que só acontecia quando estava perto de minha irmã.

Olhando apenas de relance para o carro misterioso, Umberto ajeitou o paletó como quem ajusta um colete à prova de balas antes do combate:

– Receio que existam muitos tipos de “agentes”.

Tão logo cruzamos a porta de entrada da casa de tia Rose, percebi o que ele queria dizer. Todos os enormes retratos do vestibulo tinham sido retirados da parede e estavam encostados nela, como delinquentes diante de um pelotão de fuzilamento. E o vaso veneziano que sempre estivera na mesa redonda sob o lustre já havia sumido.

– Olá? – gritei, sentindo uma onda de raiva que não experimentava desde a última vez que tinha ido lá. – Ainda há alguém vivo?

Minha voz ecoou pela casa silenciosa, mas, tão logo o eco se extinguiu, ouvi pés apressados no corredor de cima. Apesar da corridinha culpada, porém, Janice teve que fazer sua habitual aparição em câmera lenta na escadaria larga, com o diáfano vestido de verão enfatizando suas curvas suntuosas muito mais do que se ela não estivesse usando nada. Com uma pausa para a imprensa internacional, ela jogou os cabelos compridos para trás com lânguida presunção e me lançou um sorriso desdenhoso antes de começar a descer.

– Ora, vejam – observou, com a voz meigamente gélida –, a “virgentariana” ainda está viva.

Só então notei o macho da semana vindo atrás dela, com o mesmo ar desgredenhado e de olhos injetados de todos os que passavam algum tempo a sós com minha irmã.

– Lamento decepcioná-la – respondi, largando a mochila no chão com um baque. – Posso ajudá-la a despojar a casa dos objetos de valor ou você prefere trabalhar sozinha?

A risada de Janice era como um mensageiro dos ventos na varanda do vizinho, instalado ali exclusivamente para chatear.

– Este é o Archie – informou ela, em seu tom ao mesmo tempo profissional e casual. – Ele vai nos dar 20 mil por essa tralha toda.

Olhei para os dois enojada ao se aproximarem de mim:

– Quanta generosidade da parte dele! É óbvio que ele tem paixão por lixo.

Janice lançou-me um olhar gelado, mas logo se conteve. Sabia muito bem que eu não dava a mínima para sua opinião e que sua raiva apenas me divertia.

Nasci quatro minutos antes dela. Não importa o que ela fizesse ou dissesse, eu sempre seria quatro minutos mais velha. Ainda que, em sua cabeça, Janice fosse a lebre hipersônica, e eu, a tartaruga que se arrastava, ambas sabíamos que ela podia dar quantas voltinhas arrogantes à minha volta quisesse que nunca me alcançaria de verdade, jamais cobriria aquela distância minúscula que nos separava.

– Bem – disse Archie, com uma olhadela para a porta aberta –, estou de saída. Prazer em conhecê-la, Julie... é Julie, não é? Janice me falou tudo a seu respeito – acrescentou, com um risinho nervoso. – Parabéns pelo bom trabalho, continue firme! Faça a paz e não amor, como dizem.

Janice acenou com meiguice quando Archie saiu, deixando a porta de tela bater. Porém, assim que ele se afastou e ela já não podia ser ouvida, seu rosto angelical se tornou demoníaco, como um holograma do Dia das Bruxas:

– Não se atreva a me olhar desse jeito! – disse, em tom zombeteiro. – Estou tentando ganhar algum dinheiro para nós. Não me parece que você esteja ganhando nenhum, está?

– Mas também não tenho o seu tipo de... despesas – falei, apontando com a cabeça para suas recauchutagens mais recentes, claramente visíveis sob o vesti-

do colante. – Diga-me, Janice, como é que eles *enfiam* isso tudo aí dentro? Pelo umbigo?

– Diga-me, Julie – imitou minha irmã –, como é não ter nada enfiado aí? Nunca!

– Perdão, senhoras – disse Umberto, colocando-se educadamente entre nós, como já fizera inúmeras vezes –, mas posso sugerir que terminem esse diálogo cativante na biblioteca?

Quando alcançamos Janice, ela já se acomodara na poltrona favorita de tia Rose, com um gim-tônica aninhado na almofada da cena de caça à raposa que eu tinha feito em ponto de cruz no último ano do ensino médio, enquanto minha irmã caçava presas eretas.

– O que foi? – perguntou, olhando-nos com mal disfarçada repulsa. – Vocês não acham que ela deixou metade da birita pra mim?

Era típico de Janice procurar briga sobre o cadáver de alguém, então lhe dei as costas e fui até a porta envidraçada. Lá fora, no terraço, os amados vasos de terracota de tia Rose pareciam uma fileira de carpideiras, com as corolas das flores pendendo, inconsoláveis. Foi uma visão inusitada. Umberto sempre mantivera o jardim sob perfeito controle, mas talvez já não encontrasse prazer nesse trabalho agora que aquela que fora sua patroa e plateia agradecida não existia mais.

– Fico surpresa por você ainda estar aqui, Birdie – comentou Janice, girando a bebida. – Se eu fosse você, a esta altura já estaria em Las Vegas. Com a prataria.

Umberto não respondeu. Fazia anos que parara de falar diretamente com Janice. Em vez disso, olhou para mim:

– O enterro será amanhã.

– Não acredito que você tenha planejado tudo sem nos consultar – disse Janice, balançando uma das pernas sobre um braço da poltrona.

– Era o que ela queria.

– Há mais alguma coisa que devemos saber? – indagou minha irmã, soltando-se do abraço da poltrona e endireitando o vestido. – Presumo que cada um de nós vá receber a sua parte, certo? Ela não se apaixonou por nenhuma fundação estapafúrdia de proteção aos animais ou coisa parecida, não é?

– Você quer dar um tempo? – retruquei com rispidez e, por um ou dois segundos, Janice pareceu realmente sem jeito. Mas depois deu de ombros, como sempre fazia, e tornou a estender a mão para a garrafa de gim.

Nem me dei o trabalho de olhar para seu fingido jeito estabanado, erguendo as sobrancelhas feitas à perfeição num ar assombrado, para mostrar que não tivera a intenção de servir toda aquela quantidade. Assim como o sol se derreteria lentamente no horizonte, Janice logo se derreteria numa *chaise longue*, deixando as grandes questões da vida a serem respondidas pelos outros, desde que garantissem que sua bebida continuasse chegando.

Desde minhas mais remotas lembranças, Janice sempre fora assim: insaciável.

Quando éramos pequenas, tia Rose costumava rir, encantada, e exclamar: “Se essa menina estivesse numa prisão feita de biscoitos, fugiria de lá abrindo caminho a dentadas”, como se a voracidade de Janice fosse motivo de orgulho. Mas, afinal, tia Rose estava no topo da cadeia alimentar e, ao contrário de mim, não tinha nada a temer. Até onde eu podia me lembrar, Janice sempre havia conseguido descobrir meus doces, não importava onde eu os escondesse, e as manhãs de Páscoa em nossa família eram desagradáveis, meio brutas e curtas. Chegavam inevitavelmente ao clímax quando Umberto a repreendia por ter roubado minha cota de ovos de Páscoa, e Janice, com os dentes cheios de chocolate, respondia sibilando, debaixo da cama, que ele não era seu pai e não podia lhe dizer o que fazer.

O frustrante era que seu físico não a denunciava. Sua pele recusava-se obstinadamente a revelar seus segredos; era lisa como a cobertura acetinada de um bolo de noiva, as feições moldadas com a mesma delicadeza das frutinhas e florezinhas de marzipã criadas pelas mãos de um mestre confeito. Nem gim nem café nem vergonha nem remorso, nada havia conseguido abrir uma rachadura naquela fachada vitrificada. Era como se Janice tivesse dentro de si uma fonte perene de vida, como se levantasse toda manhã rejuvenescida no poço da eternidade, nem um dia mais velha, nem um grama mais gorda e ainda sedenta do mundo.

Para minha infelicidade, não éramos gêmeas idênticas. Uma vez, no pátio da escola, entreouvi alguém se referir a mim como um Bambi de pernas de pau e, embora Umberto tivesse rido e dito que aquilo era um elogio, não foi o que me pareceu. Mesmo depois de ultrapassar a idade em que tinha sido mais desajeitada, eu sabia que, perto de Janice, continuava parecendo magrela, desengonçada e anêmica; aonde quer que fôssemos ou o que quer que fizessemos, ela era tão morena e efusiva quanto eu era pálida e reservada.

Sempre que entrávamos juntas num cômodo, todos os refletores viravam-se imediatamente para ela e, mesmo estando bem a seu lado, eu era apenas mais uma pessoa na plateia. Com o tempo, entretanto, fiquei à vontade em meu papel. Nunca precisava me preocupar com a conclusão de minhas falas, porque Janice inevitavelmente as concluía por mim. E, nas raras ocasiões em que alguém perguntava sobre minhas esperanças e meus sonhos – em geral, quando eu tomava uma refinada xícara de chá com um dos vizinhos de tia Rose –, Janice me puxava para o piano, que tentava tocar enquanto eu virava as páginas da partitura para ela. Mesmo agora, aos 25 anos, eu ainda me agitava e acabava empacando nas conversas com estranhos, torcendo desesperadamente para ser interrompida antes de ter que combinar um verbo com um objeto.

SEPULTAMOS TIA ROSE debaixo de uma chuva forte e o cemitério parecia quase tão imundo quanto eu me sentia por dentro. Parada junto a seu túmulo, senti as gotas pesadas de água caírem de meu cabelo e se misturarem com as lágrimas

que me escorriam pelas faces; os lenços de papel que eu levava de casa havia muito tinham se transformado numa pasta em meus bolsos.

Apesar de ter chorado a noite inteira, nem de longe eu estava preparada para a triste sensação de fim que experimentei quando o caixão foi baixado à terra, meio de lado. Um caixão tão grande para a estrutura longa e esguia de tia Rose!... De repente me arrependi de não ter pedido para ver o corpo, mesmo que não fizesse diferença para ela. Ou será que faria? Talvez ela estivesse nos observando de algum lugar muito distante, querendo poder nos dizer que havia chegado em segurança. Foi uma ideia consoladora, uma bem-vinda distração da realidade, e desejei poder acreditar nela.

Ao fim do enterro, a única pessoa que não parecia um roedor afogado era Janice, que usava botas de plástico com saltos de 10 centímetros e um chapéu preto que expressava tudo, menos luto. Em contraste, eu estava usando o que um dia Umberto havia rotulado de meu traje de freira; se as botas e o decote de Janice diziam *venha*, meus sapatos pesadões e o vestido abotoado até o pescoço com certeza diziam *cai fora*.

Algumas pessoas apareceram junto à sepultura, mas somente o Sr. Gallagher, o advogado da família, ficou para conversar. Nem Janice nem eu jamais o tínhamos encontrado, mas tia Rose falara dele com tanta frequência e tamanho carinho que o homem estava fadado a ser uma decepção.

– Pelo que entendo, você é pacifista, certo? – perguntou-me, ao sairmos juntos do cemitério.

– Jules adora uma briga – disse Janice, andando toda contente no meio, indiferente ao fato de a aba de seu chapéu jogar água em nós dois – e também gosta de atirar coisas nas pessoas. O senhor soube o que ela fez com a Pequena Sereia...?

– Chega – interrompi, tentando encontrar um pedaço seco em minha manga para enxugar os olhos pela última vez.

– Ora, não seja tão modesta! Você saiu na primeira página!

– E eu soube que sua empresa vai muito bem, não é? – indagou o Sr. Gallagher, olhando para Janice e tentando sorrir. – Deve ser um desafio fazer todo mundo feliz, imagino.

– Feliz? Argh! – retrucou Janice, por pouco não pisando numa poça. – A felicidade é a pior ameaça para minha firma. É de sonhos que se trata. Frustrações. Fantasias que nunca se realizam. Homens que não existem. Mulheres que nunca se pode ter. É aí que está o dinheiro: encontros, encontros e mais encontros...

Janice continuou a falar, mas parei de ouvir. Era uma das grandes ironias da vida que o trabalho de minha irmã fosse combinar parceiros amorosos, porque ela era, provavelmente, a pessoa menos romântica que eu conhecia. Apesar de sua ânsia de flertar com todos os homens, ela os via como pouco mais do que

ruidosos aparelhos elétricos que a gente ligava na tomada quando precisava deles e desligava assim que o trabalho estivesse terminado.

Curiosamente, quando éramos crianças, Janice tinha a obsessão de dispor tudo aos pares – dois ursinhos de pelúcia, duas almofadas, duas escovas de cabelo... Até nos dias em que estávamos brigadas ela colocava nossas bonecas para dormir lado a lado na prateleira, às vezes até abraçadas. Nesse aspecto, talvez não fosse estranho ela escolher como carreira promover a formação de casais, já que era um verdadeiro Noé em matéria de juntar pessoas aos pares. O único problema era que, ao contrário dele, havia muito tempo que Janice se esquecera do motivo por que fazia isso.

Era difícil dizer quando as coisas tinham mudado. Em algum momento do ensino médio, ela havia tomado como missão destruir qualquer sonho de amor que eu tivesse. Trocando de namorado como quem trocava de calcinha, Janice extraía um prazer singular de me deixar nauseada, ao descrever tudo e todos numa gíria desdenhosa que fazia eu me perguntar por que afinal as mulheres se relacionavam com os homens.

– Então – disse-me, prendendo rolinhos cor-de-rosa em meu cabelo, na véspera de nosso baile de formatura –, esta é a sua última chance.

Olhei-a pelo espelho, intrigada com esse ultimato, mas impossibilitada de responder por baixo de uma de suas máscaras de lama verde-hortelã, que se transformara numa crosta seca em meu rosto.

– Você sabe... – prosseguiu, com uma careta de impaciência – é sua última chance de romper o laço. O baile de formatura é pra isso. Por que você acha que os rapazes se arrumam todos? Porque gostam de dançar? Ora, francamente! – Ela me deu uma olhada pelo espelho, para ver como estava indo. – Você sabe o que dizem se você não fizer isso no baile. Você é puritana. Ninguém gosta de puritanas.

Na manhã seguinte, reclamei de uma dor de estômago e, à medida que se aproximava a hora do baile, minha dor foi piorando. Tia Rose acabou tendo que telefonar para os vizinhos e lhes dizer que era melhor o filho deles arranjar outra companhia. Enquanto isso, um atleta chamado Troy foi buscar Janice e eles desapareceram numa fumaça de pneus cantando.

Depois de ouvir meus gemidos a tarde inteira, tia Rose começou a insistir em que fôssemos ao pronto-socorro, para o caso de ser apendicite, mas Umberto a tranquilizou, dizendo que eu não estava com febre e que sem dúvida não era nada grave. À tardinha, quando parou junto à minha cama, vendo-me dar espiadas por baixo do cobertor, percebi que sabia exatamente o que estava acontecendo e que, de um modo estranho, estava satisfeito com meu engodo. Ambos sabíamos que não havia nada de errado com o filho dos vizinhos; a questão era apenas que ele não se encaixava no perfil do homem que eu havia imaginado como meu amante. E, se eu não podia ter o que queria, preferia perder o baile.

– Então – disse Janice, tirando-me de minhas recordações e afagando o Sr. Gallagher com um sorriso acetinado –, por que não vamos direto ao ponto? Quanto?

Nem tentei intervir. Afinal, assim que recebesse seu dinheiro, ela partiria para o eterno parque de caça dos animados aspirantes a parceiros amorosos e eu nunca mais voltaria a vê-la.

– Bem – disse o Sr. Gallagher, parando meio sem jeito no estacionamento, ao lado de Umberto e do Lincoln –, receio que a fortuna esteja quase totalmente vinculada à propriedade.

– Escute – disse Janice –, todos sabemos que é meio a meio até o último centavo, certo? Então, vamos acabar com essa conversa mole. Ela quer que tracemos uma linha pelo meio da casa? Tudo bem, podemos fazer isso. Ou então... – ela deu de ombros, como se lhe fosse indiferente – podemos simplesmente vender a casa e dividir a grana. Quanto?

– A verdade é que, no final – o Sr. Gallagher olhou para mim com certo pesar –, a Sra. Jacobs mudou de ideia e resolveu deixar tudo para a Srta. Janice.

– *O quê?* – Corri os olhos de Janice para o Sr. Gallagher e para Umberto, mas não obtive o menor apoio.

– Puta merda! – exclamou Janice, abrindo um largo sorriso. – A velhota tinha senso de humor, no final das contas!

– É claro – prosseguiu o Sr. Gallagher, erguendo as sobrancelhas – que uma soma foi separada para o Sr... para Umberto e há uma referência a certas fotografias emolduradas que sua tia-avó queria que ficassem com a Srta. Julie.

– Ora, estou me sentindo generosa – disse Janice.

– Esperem um instante – interrompi, dando um passo atrás e me esforçando para digerir a notícia –, isso não faz o menor sentido.

Desde que eu podia me lembrar, tia Rose fizera o possível e o impossível para nos tratar com igualdade; pelo amor de Deus, eu chegara até a flagrá-la contando o número de nozes-pecãs do nosso *müsli* matinal, para ter certeza de que nenhuma de nós recebesse mais do que a outra! E ela sempre havia falado na casa como algo que, no futuro, pertenceria a nós duas. “Vocês precisam mesmo aprender a se entender”, dizia. “Não vou viver para sempre, vocês sabem. E, quando eu me for, vocês duas vão compartilhar esta casa e o jardim também, não é?”

– Compreendo a sua decepção... – disse o Sr. Gallagher.

– Decepção? – repeti. Senti vontade de agarrá-lo pelo colarinho, mas em vez disso enfiei as mãos nos bolsos o mais fundo que pude. – Não pense que engoli essa história. Quero ver o testamento – declarei. Fitei-o diretamente nos olhos e o vi estremecer sob meu olhar. – Alguma coisa está acontecendo pelas minhas costas...

– Você sempre foi má perdedora – observou Janice, saboreando minha fúria com um sorriso maldoso –, é isso que está acontecendo.

– Tome – disse o Sr. Gallagher, abrindo a pasta com as mãos trêmulas e me entregando um documento. – Esta é a sua cópia do testamento. Receio que não haja muita margem para contestação.

UMBERTO ME ENCONTROU no jardim, agachada sob o caramanchão que ele construía para nós quando tia Rose ficara de cama com pneumonia. Sentando-se a meu lado no banco molhado, ele não comentou meu sumiço infantil, apenas me entregou um lenço absolutamente bem passado e me observou assoar o nariz.

– Não é o dinheiro – comentei, em tom defensivo. – Você viu o risinho zombeteiro dela? Ouviu o que ela disse? Ela não se importa com tia Rose. Nunca se importou. Não é justo!

– Quem lhe disse que a vida era justa? – indagou Umberto, me olhando com as sobrancelhas arqueadas. – Eu é que não fui.

– Eu sei! Só não entendo... Mas a culpa é minha. Sempre achei que ela levava a sério a ideia de nos tratar com igualdade. Peguei dinheiro emprestado... – Cobri o rosto para evitar o olhar dele. – Não diga nada!

– Você já acabou?

Balancei a cabeça.

– Ótimo – disse Umberto. Abriu o paletó e tirou um envelope pardo ligeiramente amassado. – Porque ela queria lhe dar isto. É um grande segredo. Gallagher não sabe. Janice não sabe. É só para você.

No mesmo instante, fiquei desconfiada. Era muito atípico de tia Rose me dar alguma coisa pelas costas de Janice, mas, por outro lado, também fora muito atípico ela me excluir de seu testamento. Estava claro que eu não conhecia a tia de minha mãe tão bem quanto supunha. E também não me conhecia por completo até esse momento. Pensar que eu seria capaz de me sentar ali, justamente nesse dia, e chorar por causa de dinheiro! Embora estivesse com 50 e tantos anos quando nos adotou, tia Rose tinha sido uma mãe para nós e eu devia me envergonhar por querer mais alguma coisa dela.

Quando enfim abri o envelope, havia três coisas dentro dele: uma carta, um passaporte e uma chave.

– Este é o meu passaporte! – exclamei. – Como foi que ela...? – Voltei a olhar para a fotografia. Era minha, assim como a data de nascimento, mas o nome não era o meu. – Giulietta? Giulietta Tolomei?

– Esse é seu nome verdadeiro. Sua tia o trocou quando a trouxe da Itália para cá. Ela também trocou o de Janice.

Fiquei perplexa:

– Mas *por quê?*... Há quanto tempo você sabe disso?

Umberto baixou os olhos:

– Por que você não lê a carta?

Desdobrei as duas folhas de papel:

– Foi você que escreveu isto?

– Ela ditou para mim – respondeu Umberto, com um sorriso tristonho. – Queria ter certeza de que você conseguiria ler.

A carta dizia:

Minha querida Julie,

Pedi a Umberto que lhe entregasse esta carta depois de meu enterro, portanto, imagino que isso signifique que eu estou morta. Enfim, sei que você continua aborrecida por eu nunca ter levado vocês duas à Itália, mas acredite em mim quando digo que foi para o seu bem. Eu jamais me perdoaria se lhes acontecesse alguma coisa. Mas agora você está crescida. E há uma coisa lá em Siena que sua mãe deixou para você. Só para você. Não sei por quê, mas Diane era assim, que Deus a tenha. Ela encontrou uma coisa que supostamente ainda está lá. Pelo jeito, é algo muito mais valioso do que qualquer bem que eu já tenha possuído. E foi por isso que decidi agir desta maneira e dar a casa à Janice. Eu tinha a esperança de que pudéssemos evitar tudo isso e esquecer a Itália, mas agora começo a achar que seria um erro nunca lhe contar.

O que você deve fazer é o seguinte. Pegue esta chave e vá ao banco do Palazzo Tolomei. Em Siena. Acho que ela é de um cofre no banco. Sua mãe a carregava na bolsa quando morreu. Havia um consultor financeiro lá, um homem chamado Francesco Maconi. Procure-o e diga que você é filha de Diane Tolomei. Ah, outra coisa. Troquei os nomes de vocês. Seu nome verdadeiro é Giulietta Tolomei. Mas estamos nos Estados Unidos. Achei que Julie Jacobs faria mais sentido, mas ninguém sabe soletrá-lo também. Onde este mundo vai parar? Não, eu tive uma vida boa. Graças a vocês. Ah, e mais uma coisa: Umberto vai lhe dar um passaporte com seu nome verdadeiro. Não tenho a menor ideia de como se fazem essas coisas, mas não vem ao caso, deixaremos isso por conta dele.

Não vou dizer adeus. Nós nos veremos de novo no paraíso, se Deus quiser. Mas eu queria me certificar de que você recebesse o que é seu por direito. Apenas tome cuidado por lá. Veja o que aconteceu com sua mãe. A Itália pode ser um lugar muito estranho. Sua bisavó nasceu lá, é claro, mas uma coisa eu lhe digo: ninguém conseguiria arrastá-la de volta para lá, nem por todo o dinheiro do mundo. Seja como for, não conte a ninguém o que eu lhe disse. E procure sorrir mais. Você tem um sorriso lindo quando o usa.

Que Deus a abençoe.

Com todo o meu amor,

Titia

Demorei um pouco para me recuperar da carta. Ao lê-la, quase pude ouvir tia Rose a ditando, tão maravilhosamente desmiolada na morte quanto tinha sido em vida. Quando terminei de usar o lenço de Umberto, ele não o quis de volta. Disse-me que o levasse comigo para a Itália, para que me lembrasse dele quando encontrasse meu grande tesouro.

– Ora, vamos! – retruquei, assoando o nariz pela última vez. – Nós dois sabemos que não há tesouro nenhum!

Ele pegou a chave:

– Você não está curiosa? Sua tia estava convencida de que sua mãe havia encontrado uma coisa muito valiosa.

– Então, por que ela não me contou antes? Por que esperar até estar... – Joguei os braços para o alto. – Isso não faz sentido.

Umberto espremeu os olhos:

– Ela queria contar. Mas você nunca estava por perto.

Esfreguei o rosto, basicamente para evitar seu olhar acusador.

– Mesmo que ela tivesse razão, você sabe que não posso voltar à Itália. Eles me prenderiam num piscar de olhos. Você sabe o que eles me disseram...

Na verdade, eles – a polícia italiana – tinham me dito muito mais do que eu contara a Umberto. Mas ele sabia o essencial. Sabia que certa vez eu fora presa em Roma, durante uma manifestação pacifista, e passara uma noite muito pouco recomendável numa prisão local, antes de ser expulsa do país ao amanhecer, com ordens de nunca mais voltar. Ele também sabia que a culpa não havia sido minha. Eu tinha 18 anos e tudo o que havia desejado era ir à Itália para ver o lugar onde nascera.

Suspirando diante dos quadros de avisos da faculdade, com seus anúncios de viagens de estudos e dispendiosos cursos de línguas em Florença, eu havia deparado com um pequeno cartaz que condenava abertamente a guerra no Iraque e todos os países que participavam dela. Entre eles, me empolguei ao descobrir, estava a Itália. No pé da página havia uma lista de datas e destinos; qualquer pessoa interessada na causa seria bem-vinda. Uma semana em Roma – incluindo a viagem – não custaria mais de 400 dólares, exatamente o que restava em minha conta bancária. Mal sabia eu que essa tarifa reduzida só era possível pelo fato de ser quase certo não passarmos a semana inteira lá e de a despesa com nossa viagem de volta e com o último pernoite – se tudo corresse como planejado – ser bancada pelas autoridades italianas, ou melhor, pelos contribuintes italianos.

Assim, entendendo pouquíssimo sobre o propósito da viagem, voltei várias vezes àquele cartaz antes de finalmente me inscrever. Na mesma noite, porém, rolando de um lado para o outro na cama, percebi que havia cometido um erro e teria que desfazê-lo o mais depressa possível. Só que, na manhã seguinte, quando

disse isso a Janice, ela apenas revirou os olhos e comentou: “Aqui jaz Jules, cuja vida não foi grande coisa, mas que um dia *quase* foi à Itália.”

É óbvio que tive de ir.

Quando as primeiras pedras começaram a voar em frente ao Parlamento italiano – atiradas por dois de meus companheiros de viagem, Sam e Greg –, nada teria sido mais agradável para mim do que estar de volta em meu quarto no dormitório, com um travesseiro sobre a cabeça. Mas fiquei presa na multidão, como todas as outras pessoas, e, quando a polícia romana se cansou de nossas pedradas e coquetéis molotov, fomos todos batizados com gás lacrimogêneo.

Foi a primeira vez na vida em que me vi pensando: *eu poderia morrer agora*. Caída no asfalto e vendo o mundo – pernas, braços, vômito – através de uma névoa de dor e incredulidade, esqueci completamente quem eu era e para onde estava levando minha vida. Como os mártires de outrora, talvez, descobri um outro lugar, um ponto que não era vida nem morte. Mas então a dor voltou, o pânico também e, passado um momento, de repente aquilo parou de parecer uma experiência religiosa.

Meses depois, eu ainda me perguntava se tinha me recuperado por completo dos acontecimentos de Roma. Quando me obrigava a pensar no assunto, tinha a incômoda sensação de que ainda estava esquecendo alguma coisa crucial sobre quem eu era – algo que tinha sido derramado naquele asfalto italiano e nunca mais voltara.

– É verdade – disse Umberto, abrindo o passaporte e examinando minha fotografia. – Eles disseram a Julie Jacobs que ela não poderia voltar à Itália. Mas e quanto a Giulietta Tolomei?

Fiquei estupefata. Ali estava Umberto, que ainda me repreendia por eu me vestir de hippie, me instigando a descumprir a lei.

– Você está sugerindo...?

– Por que acha que mandei fazer isto? O último desejo de sua tia foi que você fosse à Itália. Não parta meu coração, *principessa*.

Ao ver a sinceridade em seus olhos, tornei a lutar contra as lágrimas.

– Mas e você? – perguntei em tom brusco. – Por que não vai comigo? Poderíamos achar o tesouro juntos. E, se não o acharmos, que se dane. Viraremos piratas. Correremos os sete mares...

Umberto estendeu a mão e tocou meu rosto com muita delicadeza, como se soubesse que, quando eu partisse, nunca mais voltaria. E que, se um dia tornássemos a nos encontrar, não seria assim, sentados juntos num esconderijo de criança, de costas para o mundo lá fora.

– Existem certas coisas que uma princesa tem que fazer sozinha – disse em voz baixa. – Você se lembra do que eu lhe disse... que um dia você encontraria o seu reino?

– Aquilo foi apenas uma história. A vida não é assim.

– Tudo o que dizemos é uma história. Mas nada do que dizemos é *apenas* uma história.

Atirei os braços em volta dele; ainda não estava preparada para perdê-lo.

– E você? Não vai ficar aqui, vai?

Umberto apertou os olhos para a madeira trabalhada do caramanchão:

– Acho que Janice tem razão. Está na hora de o velho Birdie se aposentar. Eu deveria roubar a prataria e ir para Las Vegas. Com a minha sorte, é provável que o dinheiro durasse uma semana. Portanto, não se esqueça de me telefonar quando encontrar seu tesouro.

Encostei a cabeça em seu ombro:

– Você será o primeiro a saber.

I . II

*Mas pode puxar a sua arma –
Lá vem o pessoal dos Montéquios.*

*A*té onde eu podia me lembrar, tia Rose fizera tudo o que estava a seu alcance para impedir que Janice e eu fôssemos à Itália. “Quantas vezes tenho que dizer que aquilo não é lugar para boas meninas?”, costumava repetir. Tempos depois, ao perceber que sua estratégia tinha que mudar, ela balançava a cabeça sempre que alguém tocava no assunto e levava a mão ao peito, como se o simples fato de pensar naquele lugar a deixasse à beira da morte. “Acreditem, a Itália não passa de uma grande decepção”, dizia com a voz rouca, “e os homens italianos são uns porcos!”

Eu sempre me ressentira desse seu preconceito inexplicável contra o país onde eu havia nascido, mas, depois de minha experiência em Roma, acabei mais ou menos concordando com ela: a Itália era uma decepção e, perto dos italianos – pelo menos dos uniformizados –, os porcos pareciam muito agradáveis.

Do mesmo modo, sempre que lhe perguntávamos sobre nossos pais, tia Rose nos cortava, recitando a mesma velha ladainha: “Quantas vezes tenho que lhes dizer”, resmungava, frustrada por ser interrompida em meio à leitura do jornal, com as luvinhas de algodão que a impediam de sujar as mãos de tinta, “que seus pais morreram num acidente de automóvel na Toscana quando vocês tinham 3 anos?” Para felicidade de Janice e minha, tia Rose e o pobre tio Jim, que Deus o tenha, conseguiram nos adotar imediatamente após a tragédia – pelo menos

era assim que continuava a história – e nossa sorte era os dois nunca terem podido ter seus próprios filhos. Devíamos dar graças a Deus por não termos acabado num orfanato italiano, comendo espaguete todo dia. Olhem só para nós! Ali estávamos, morando num casarão na Virgínia, completamente mimadas; o mínimo que podíamos fazer em retribuição era parar de atormentar tia Rose com perguntas que ela não sabia responder. E será que alguém podia preparar outro *mint julep* para ela, considerando-se que suas articulações estavam doendo terrivelmente, por causa da nossa chateação incessante?

Sentada no avião para a Europa, contemplando a noite no Atlântico e revivendo conflitos passados, ocorreu-me que eu sentia saudade de tudo o que dizia respeito a tia Rose, não só das coisas boas. Como eu ficaria feliz por ter mais uma hora com ela, mesmo que ela passasse o tempo todo esbravejando! Agora que ela se fora, era difícil acreditar que um dia tivesse feito com que eu batesse portas e subisse a escada pisando duro, era difícil admitir que eu tivesse desperdiçado tantas horas preciosas num silêncio teimoso, trancada em meu quarto.

Enraivecida, enxuguei a lágrima que escorria em meu rosto com o guardanapo fininho do avião e disse a mim mesma que arrependimento era perda de tempo. Sim, eu devia ter escrito mais cartas para ela, devia ter telefonado mais vezes e dito que a amava, mas agora era tarde para tudo isso. Eu não podia desfazer os pecados do passado.

Por cima de minha tristeza havia também outra sensação me corroendo por dentro. Seria um mau pressentimento? Não necessariamente. Um mau pressentimento significava que alguma coisa ruim iria acontecer. Meu problema era não saber se de fato aconteceria alguma coisa. Era perfeitamente possível que toda essa viagem terminasse numa decepção. Mas também sabia que uma única pessoa era a culpada pelo aperto em que me encontrava: eu mesma.

Eu havia crescido achando que herdaria metade da fortuna de tia Rose e, por causa disso, nem sequer tentara construir a minha. Enquanto outras moças da minha idade haviam escalado o poste escorregadio da carreira com as unhas meticulosamente feitas, eu só havia trabalhado em atividades de que gostava – como dar aulas em colônias de férias dedicadas ao estudo de Shakespeare –, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, a herança de tia Rose cuidaria da minha crescente dívida com os cartões de crédito. Como resultado, agora eu tinha pouco a que recorrer, exceto uma fugidia relíquia de família, deixada em terras distantes por uma mãe de quem eu mal conseguia me lembrar.

Desde que abandonara o curso de pós-graduação, eu não tinha morado em nenhum lugar em particular, dormindo nos sofás de amigos do movimento pacifista e indo embora toda vez que conseguia um trabalho para lecionar Shakespeare. Por alguma razão, as peças do Bardo eram a única coisa que havia se fixado em minha cabeça e, por mais que tentasse, nunca me cansava de *Romeu e Julieta*.

Veza por outra, dava aulas para adultos, mas preferia de longe as crianças – talvez por ter uma boa dose de certeza de que elas gostavam de mim. Minha primeira pista disso era que sempre se referiam aos adultos como se eu não fosse um deles. Eu ficava feliz por elas me aceitarem como uma delas, embora soubesse que isso não era propriamente um elogio. Significava apenas que elas desconfiavam que eu também nunca havia crescido de verdade e que, mesmo aos 25 anos, ainda dava a impressão de ser uma adolescente atrapalhada, que lutava para articular – ou, com mais frequência, esconder – a poesia que levava em minha alma.

Não contribuía para minha carreira o fato de eu ser completamente incapaz de visualizar meu futuro. Quando me perguntavam o que eu gostaria de fazer da vida, não tinha ideia do que responder e, quando tentava me imaginar dali a cinco anos, só conseguia enxergar um grande buraco negro. Nos momentos de melancolia, interpretava essa escuridão iminente como um sinal de que morreria jovem e de que a razão para eu não conseguir contemplar meu futuro era que não existia nenhum. Minha mãe tinha morrido jovem, assim como minha avó – a irmã mais nova de tia Rose. Por algum motivo, o destino nos perseguia e, toda vez que eu me via contemplando um compromisso a longo prazo, fosse ele de trabalho ou de moradia, sempre recuava na última hora, perseguida pela ideia de que não estaria presente para vê-lo concluído.

Toda vez que eu voltava para passar o Natal ou minhas férias de verão em casa, tia Rose me implorava discretamente que ficasse com ela, em vez de continuar em minha existência sem rumo. “Sabe, Julie”, dizia enquanto decorava a árvore de Natal, um anjo de cada vez, “você poderia voltar para cá por uns tempos e pensar no que gostaria de fazer.”

No entanto, apesar de me sentir tentada, eu sabia que não podia fazer isso. Janice estava morando sozinha, ganhando dinheiro com o agenciamento de casais e morando num apartamento alugado, de dois quartos e com vista para um lago artificial; para mim, voltar para casa seria reconhecer que ela vencera.

Agora, é claro, tudo havia mudado. Voltar a morar com tia Rose não era mais uma opção. O mundo que eu conhecia pertencia a Janice e a mim não restara nada além do conteúdo de um envelope pardo. Sentada ali no avião, relendo a carta de tia Rose, acompanhada por um copo plástico de vinho acre, de repente me ocorreu como eu estava completamente só, agora que ela se fora e que no mundo restava apenas Umberto.

Enquanto crescia, eu nunca fora boa em fazer amizades. Janice, por sua vez, teria dificuldade para espremer os amigos mais íntimos e queridos num ônibus de dois andares. Toda vez que ela saía à noite com sua turma risonha, tia Rose passava um tempo andando nervosamente em círculos a meu redor, fingindo procurar a lente de aumento ou seu lápis especial para palavras cruzadas. Aca-

bava por se sentar a meu lado no sofá, parecendo interessada no livro que eu lia. Mas eu sabia que não estava.

“Sabe, Julie”, ela dizia, tirando fiapos da calça do meu pijama, “eu me divirto muito bem sozinha. Se você quiser sair com seus amigos...”

A sugestão ficava algum tempo no ar, até eu formular uma resposta adequada. A verdade é que eu não ficava em casa por pena de tia Rose, mas porque não tinha interesse em sair. Toda vez que eu deixava que me arrastassem para um bar, acabava cercada por idiotas e cê-dê-efes, todos os quais pareciam achar que estávamos encenando um conto de fadas no qual, antes do fim da noite, eu teria que escolher um deles.

A lembrança de tia Rose sentada a meu lado, dizendo-me com seu jeitinho meigo para eu cuidar da minha vida, me deu outra pontada no coração. Olhando tristemente pela janelinha suja do avião para o vazio lá fora, me peguei pensando se toda aquela viagem seria, quem sabe, uma espécie de castigo pelo modo como eu a havia tratado. Talvez Deus pretendesse fazer o avião cair, só para me dar uma lição. Ou talvez me deixasse chegar de fato a Siena, para *então* descobrir que outra pessoa já havia surrupiado o tesouro da família.

Na verdade, quanto mais pensava no assunto, mais suspeitava que a verdadeira razão para tia Rose nunca ter mencionado a questão em vida era que toda essa história não passava de balela. Talvez ela simplesmente houvesse pirado no fim e, nesse caso, era bem possível que o pretenso tesouro fosse apenas uma fantasia. E mesmo que, contrariando todas as probabilidades, algo de valor realmente houvesse ficado em Siena depois da nossa partida, mais de 20 anos antes, quais eram as chances de que ainda estivesse lá? Considerando-se a densidade populacional da Europa e a esperteza da humanidade em geral, eu ficaria muito surpresa se ainda restasse algum queijo no centro do labirinto, quando – e se – eu chegasse lá.

A única ideia que me animou durante esse longo voo insone foi que cada garafinha em miniatura trazida pelos risonhos comissários de bordo me afastava um pouco mais de Janice. Lá estava ela, dançando numa casa toda sua, rindo da minha desgraça. Não fazia ideia de que eu estava indo à Itália, nem imaginava que a pobre tia Rose me despachara numa caça ao tesouro inútil, e ao menos por isso eu podia me alegrar. Afinal, se minha viagem não resultasse na recuperação de algo significativo, eu preferiria que Janice não estivesse por perto para exultar com minha derrota.

ATERRISSAMOS EM FRANKFURT em meio a algo que lembrava um dia ensolarado e saí do avião arrastando os pés nas sandálias de dedo, de olhos inchados e com um pedaço de strudel de maçã ainda entalado na garganta. Faltavam mais de duas horas para a conexão que me levaria a Florença e, assim que cheguei ao

saguão, me estiquei sobre três cadeiras e fechei os olhos, com a cabeça na bolsa de macramê, cansada demais para me importar se alguém fugisse com o resto.

Em algum ponto entre o sono e a vigília, senti a mão de alguém batendo em meu braço.

– Ai, ai, ai – disse uma voz que era uma mescla de café e fumaça –, *mi scusi!*

Abri os olhos e vi a mulher que se sentara a meu lado, sacudindo freneticamente umas migalhas de pão do meu braço. Enquanto eu cochilava, o saguão havia lotado e as pessoas me olhavam como quem olha para um sem-teto – com uma mistura de desdém e solidariedade.

– Não se preocupe – falei, me sentando. – Estou mesmo toda desarrumada.

– Tome! – Ela me ofereceu metade de seu croissant, talvez como uma espécie de compensação. – Você deve estar com fome.

Olhei para ela, surpresa com sua bondade.

– Obrigada.

Chamar a mulher de elegante seria uma redução grosseira da realidade. É claro, ela já havia passado da flor da idade, mas isso não parecia ter lhe tirado o ânimo. Tudo nela combinava à perfeição: não apenas a cor do batom e do esmalte, mas também os escaravinhos dourados presos em seus sapatos, em sua bolsa e no chapeuzinho chique sobre os cabelos imaculados. Desconfiei fortemente – e seu sorriso coquete mais do que confirmou – de que aquela mulher tinha todos os motivos para estar satisfeita consigo mesma. Provável dona de uma fortuna – ou, pelo menos, casada com alguém que o fosse –, ela dava a impressão de não ter uma só preocupação na vida, exceto a de mascarar a alma tarimbada com um corpo cuidadosamente conservado.

– Você está indo para Florença? – perguntou, com um sotaque acentuado e extremamente charmoso. – Para ver todas aquelas chamadas obras de arte?

– Para Siena, na verdade – respondi, de boca cheia. – Nasci lá. Mas desde então nunca mais voltei.

– Que maravilha! – exclamou ela. – Mas que estranho! Por que não?

– É uma longa história.

– Conte-me. Você precisa me contar tudo – disse, mas, ao ver minha hesitação, estendeu a mão. – Desculpe-me. Sou muito curiosa. Eu me chamo Eva Maria Salimbeni.

– Julie... Giulietta Tolomei.

Por pouco ela não caiu da cadeira:

– Tolomei? O seu sobrenome é *Tolomei*? Não, não acredito! Não é possível! Espere... em que poltrona você está? Sim, no avião. Deixe-me ver... – pediu. Deu uma espiada em meu cartão de embarque e, no mesmo instante, tirou-o da minha mão. – Um minuto! Fique aqui!

Ela se dirigiu ao balcão e fiquei me perguntando se aquele seria um dia co-

mum na vida de Eva Maria Salimbeni. Deduzi que ela devia estar tentando trocar os lugares para que pudéssemos nos sentar juntas durante o voo e, a julgar por seu sorriso na volta, ela havia conseguido.

– *Et voilà!* – disse, entregando-me um novo cartão de embarque. Assim que o vi, tive de reprimir um risinho encantado. É claro, para continuarmos nossa conversa, eu teria que ser transferida para a primeira classe.

Depois de nos acomodarmos no avião, Eva Maria não demorou a arrancar minha história. Os únicos elementos que omiti foram minha dupla identidade e o suposto tesouro de minha mãe.

– Quer dizer – perguntou ela por fim, inclinando a cabeça – que você vai a Siena para... assistir ao Palio?

– Assistir a quê?

Minha pergunta a deixou pasma:

– Ao Palio! A corrida de cavalos. Siena é famosa pela corrida chamada Palio. O mordomo da sua tia, esse inteligente Alberto, nunca lhe falou disso?

– Umberto – corrigi. – Sim, acho que falou. Mas não me dei conta de que ela ainda acontecia. Sempre que ele falava da corrida, ela me parecia uma coisa medieval, com cavaleiros de armadura e tudo o mais.

– A história do Palio – acrescentou Eva Maria – remonta à própria... – teve de procurar a palavra certa em inglês – ... *obscuridade* da Idade Média. Hoje em dia, a corrida é feita no Campo em frente à Prefeitura e os cavaleiros são jóqueis profissionais. Mas, nos primórdios, acredita-se que eles eram nobres montando seus cavalos de batalha e que vinham cavalgando do interior até a cidade, para terminar em frente à Catedral de Siena.

– Parece emocionante – comentei, ainda intrigada com sua gentileza efusiva. Mas talvez ela apenas julgasse ter o dever de instruir os estrangeiros sobre Siena.

– Ah! É a maior emoção da nossa vida – concordou Eva Maria, revirando os olhos. – Durante meses a fio, a população de Siena não consegue falar de outra coisa senão cavalos, rivais e negociações com este ou aquele jóquei. – Ela balançou a cabeça com uma expressão amorosa. – É o que chamamos de *dolce pazzia*... a doce loucura. Quem já a sentiu nunca mais quer ir embora.

– Umberto sempre diz que é impossível explicar Siena – comentei, desejando de repente que ele estivesse comigo, ouvindo essa mulher fascinante. – Que é preciso estar lá e ouvir os tambores para compreender.

Eva Maria deu um sorriso gracioso, como uma rainha que recebesse um elogio:

– Ele tem razão. É preciso sentir... – estendeu a mão e tocou meu peito – ... aqui.

Vindo de qualquer outro, esse gesto pareceria absurdamente impróprio, mas Eva Maria era o tipo de pessoa com propriedade para agir assim.

Enquanto a aeromoça nos servia outra taça de champanhe, minha nova ami-

ga me falou mais de Siena, “para que você não se meta em encrencas”, disse, dando uma piscadinha.

– Os turistas sempre se metem em encrencas. Não percebem que Siena não é apenas Siena, mas um conjunto de 17 bairros ou *contrade* diferentes e que todos eles têm seu próprio território, seus governantes e seu brasão. – Eva Maria tocou minha taça com a sua, com um ar conspirador. – Em dúvida, sempre consulte os cantos externos das casas. As plaquinhas de porcelana lhe dirão em que *contrada* você está. Sua família, por exemplo, os Tolomei, é da *contrada* da Coruja e seus aliados são a Águia, o Porco-espinho e... esqueci os outros. Para a população de Siena, essas *contrade*, esses bairros, são tudo a que se resume a vida: são seus amigos, sua comunidade, seus aliados e também seus rivais. Todos os dias do ano.

– Quer dizer que minha *contrada* é a Coruja – comentei, achando aquilo divertido, porque algumas vezes Umberto me chamara de coruja carrancuda, quando eu ficava de mau humor. – Qual é a sua *contrada*?

Pela primeira vez desde que tínhamos começado nossa longa conversa, Eva Maria desviou os olhos, angustiada com minha pergunta.

– Não tenho nenhuma – respondeu, com ar indiferente. – Minha família foi banida de Siena há muitas centenas de anos.

BEM ANTES DE aterrissarmos em Florença, Eva Maria começou a insistir em me dar carona até Siena. Ficava no caminho de sua casa em Val d’Orcia, ela me explicou, e realmente não seria incômodo algum. Eu lhe disse que não me importava em ir de ônibus, mas ficou claro que ela não confiava no transporte público.

– *Dio santo!* – exclamou, quando continuei a declinar de sua gentil oferta. – Por que você quer esperar um ônibus que nunca aparece, quando pode ir comigo e fazer uma viagem muito confortável no carro novo do meu afilhado? – Ao ver que tinha quase me convencido, deu um sorriso sedutor e se inclinou para apresentar o argumento final: – Giulietta, ficarei muito decepcionada se não pudermos continuar nossa agradável conversa um pouco mais.

E assim, passamos pela alfândega de braços dados; embora mal tenha examinado meu passaporte, o funcionário olhou duas vezes para o decote de Eva Maria. Mais tarde, enquanto eu preenchia uma pilha de formulários cor de caramelo para comunicar o extravio de minha bagagem, Eva Maria postou-se a meu lado, batendo com seu escarpim Gucci no chão até o funcionário encarregado das bagagens jurar que recuperaria pessoalmente minhas duas malas, onde quer que elas tivessem ido parar, e que, independentemente da hora, iria direto a Siena entregá-las no Hotel Chiusarelli, cujo endereço Eva Maria só faltou escrever com batom e enfiar no bolso do rapaz.

– Sabe, Giulietta – explicou, quando saíamos juntas do aeroporto e ela puxava sobre rodinhas nada além de sua minúscula bagagem de mão –, cinquenta

por cento são o que eles *veem*, e cinquenta por cento são o que *pensam* estar vendo. Ah! – exclamou, acenando animada para um sedã preto parado na faixa exclusiva do Corpo de Bombeiros. – Lá está ele! Bonito carro, não acha? – E me cutucou, piscando um olho. – É o modelo novo.

– É mesmo? – retruquei educadamente.

Os carros nunca tinham sido uma de minhas paixões, principalmente porque em geral vinham com um homem anexo. Sem dúvida, Janice saberia me dizer o nome e o modelo exatos do veículo em questão, além de me informar que um item de sua lista de coisas por fazer era transar com o dono de um deles, estacionado em algum local com vista panorâmica na costa de Amalfi. Nem é preciso dizer que sua lista era radicalmente diferente da minha.

Sem se mostrar muito ofendida com minha falta de entusiasmo, Eva Maria me puxou para ainda mais perto e segredou em meu ouvido:

– Não diga nada, quero que seja surpresa! Ah, olhe só... ele não é bem-apanhado? – Deu um risinho encantado, enquanto me conduzia em direção ao homem que vinha saindo do carro. – *Ciao*, Sandro!

O homem deu a volta no carro para nos cumprimentar:

– *Ciao, Madrina!* – Beijou a madrinha nas duas faces e não pareceu se importar quando ela passou a mão por seu cabelo preto, com ar de admiração. – *Bentornata*.

Eva Maria tinha razão. Seu afilhado era não apenas um colírio pecaminoso, mas também de uma elegância de arrasar e, mesmo estando longe de ser uma autoridade em comportamento feminino, desconfeiei que nunca lhe faltassem vítimas voluntárias.

– Alessandro, quero que você conheça uma pessoa – disse Eva Maria, com dificuldade para refrear a empolgação. – Esta é minha nova amiga. Nos conhecemos no avião. Ela se chama Giulietta *Tolomei*. Dá para acreditar?

Alessandro se virou para me encarar com uns olhos cor de alecrim seco, olhos que fariam Janice dançar uma rumba pela casa só de lingerie, usando uma escova de cabelo como microfone.

– *Ciao!* – cumprimentei-o, me perguntando se ele também me beijaria.

Não beijou. Alessandro olhou para minhas tranças, minha bermuda folgada e minhas sandálias de dedo, até finalmente forçar um sorriso e dizer em italiano algo que não entendi.

– Desculpe-me – falei –, mas eu não...

Ao perceber que, além da minha aparência desmazelada, eu nem ao menos falava italiano, o afilhado de Eva Maria perdeu completamente o interesse por mim. Em vez de traduzir o que tinha dito, apenas perguntou:

– Nenhuma bagagem?

– Uma tonelada. Mas, ao que parece, foi tudo para Verona.

Minutos depois, eu estava sentada no banco traseiro de seu carro, ao lado de Eva Maria, transitando velozmente pelos esplendores de Florença. Tão logo me convenci de que o silêncio de Alessandro não passava de uma consequência de seu pouco domínio de inglês – e por que eu haveria de me incomodar? –, senti uma nova espécie de empolgação fervilhar dentro de mim. Ali estava eu, de volta ao país que me cuspira duas vezes, infiltrando-me com sucesso na classe mais sofisticada. Mal podia esperar para telefonar para Umberto e lhe contar tudo.

– Então, Giulietta – disse Eva Maria, enfim comodamente recostada –, eu tomaria cuidado e não diria... a muita gente quem você é.

– Eu?! – exclamei, quase rindo. – Mas eu não sou ninguém!

– Ninguém? Você é uma Tolomei!

– Você acabou de me dizer que os Tolomei viveram há muito tempo.

Eva Maria tocou meu nariz com o indicador:

– Não subestime o poder dos acontecimentos de muito tempo. Esse é um defeito trágico do homem moderno. Eu a aconselho, na condição de quem veio do Novo Mundo: ouça mais e fale menos. Foi aqui que sua alma nasceu. Acredite, Giulietta, haverá pessoas aqui para quem você é alguém.

Olhei de relance para o retrovisor e vi Alessandro me fitando com olhos espremidos. Com ou sem fluência em inglês, era óbvio que ele não compartilhava o fascínio de sua madrinha por mim, mas era disciplinado demais para verbalizar o que estava pensando. Assim, tolerava minha presença em seu carro, desde que eu não ultrapassasse os limites apropriados da humildade e da gratidão.

– A sua família, os Tolomei – continuou Eva Maria, indiferente às vibrações negativas –, foi uma das mais ricas e poderosas de toda a história de Siena. Eles eram donos de um banco privado, sabe, e sempre estiveram em guerra conosco, os Salimbeni, para provar quem tinha maior influência na cidade. A inimizade entre os dois clãs era tão intensa que eles puseram fogo na casa uns dos outros... e mataram os filhos uns dos outros na cama, na Idade Média.

– Eles eram inimigos? – A pergunta era idiota.

– Ah, sim! Do pior tipo! Você acredita em destino? – Eva Maria cobriu minha mão com a sua e a apertou. – Eu, sim. Nossas famílias, os Tolomei e os Salimbeni, tinham uma desavença antiga, uma desavença sangrenta... Se estivéssemos na Idade Média, já teríamos pulado no pescoço uma da outra. Como os Capuleto e os Montéquio em *Romeu e Julieta*. – Ela me deu um olhar significativo: – “Duas casas, iguais em seu valor, em Siena, que a nossa cena ostenta...” Conhece essa peça?

Quando apenas fiz que sim com a cabeça, impressionada demais para falar, ela deu um tapinha tranquilizador em minha mão e acrescentou:

– Não se preocupe, estou confiante de que você e eu, com a nossa nova amizade, enfim sepultaremos a discórdia entre eles. E é por isso que... – Ela se virou

abruptamente no banco. – Sandro! Conto com você para garantir que Giulietta fique segura em Siena. Está me ouvindo?

– A Srta. Tolomei – respondeu Alessandro, com os olhos fixos na estrada – nunca estará segura em lugar nenhum. Em relação a ninguém.

– Isso não é jeito de falar – repreendeu-o Eva Maria. – Ela é uma Tolomei. É nosso dever protegê-la.

Alessandro me olhou de relance pelo espelho e tive a impressão de que ele era capaz de enxergar muito mais de mim do que eu dele.

– Talvez ela não queira a nossa proteção.

Pelo modo como disse isso, percebi que se tratava de um desafio e soube também que, apesar do sotaque, ele ficava completamente à vontade falando em minha língua. O que significava que tinha outras razões para ser monossilábico comigo.

– Certamente agradeço esta carona – retruquei, exibindo meu mais gracioso sorriso –, mas tenho certeza de que Siena é muito segura.

Ele recebeu meu elogio à cidade com um ligeiro aceno da cabeça.

– O que a traz aqui? Veio a negócios ou a passeio?

– Bem... a passeio, eu acho.

Eva Maria bateu palmas, animada.

– Nesse caso, temos de nos certificar de que você não se decepcione! Alessandro conhece todos os segredos de Siena. Não é mesmo, *caro*? Ele lhe mostrará lugares maravilhosos que você nunca descobriria sozinha. Ah, você vai se divertir!

Abri a boca, mas sem ter ideia do que dizer. Então voltei a fechá-la. Ficou bastante claro, por seu cenho franzido, que me mostrar Siena seria o último item na programação semanal de Alessandro.

– Sandro! – continuou Eva Maria, sua voz adquirindo um tom ríspido. – Você vai garantir que Giulietta se divirta, não vai?

– Não posso imaginar felicidade maior – respondeu Alessandro, ligando o rádio do carro.

– Viu? – Eva Maria beliscou minha bochecha corada. – Shakespeare não sabia de nada. Agora somos amigos.

Lá fora, o mundo era um vinhedo e o céu ficava suspenso sobre a paisagem como uma capa azul protetora. Eu havia nascido ali, ainda assim de repente me senti uma estranha – uma intrusa – que havia entrado sorratamente pela porta dos fundos, para encontrar e reivindicar algo que nunca lhe pertencera.

FOI UM ALÍVIO quando enfim paramos em frente ao Hotel Chiusarelli. Eva Maria tinha sido mais do que gentil durante todo o trajeto, me contando coisas sobre Siena, mas há um limite para a conversa educada que se consegue manter depois de se ter perdido, a um só tempo, uma noite de sono e toda a bagagem.

Tudo o que eu possuía encontrava-se naquelas duas malas. Eu havia empacotado praticamente toda a minha infância na noite após o enterro de tia Rose e saíra de casa num táxi por volta de meia-noite, com a risada triunfal de Janice ainda ecoando em meus ouvidos. Havia toda sorte de roupas, livros e quinquilharias bobas, mas agora eles estavam em Verona e eu ali, encalhada em Siena com pouco mais que uma escova de dentes, meia barrinha de cereais e um par de fones de ouvido.

Depois de parar junto ao meio-fio na frente do hotel e de abrir conscienciosamente a porta do carro para mim, Alessandro me acompanhou até a entrada. É óbvio que ele não queria fazer isso e que eu não apreciei seu gesto, mas Eva Maria nos observava do banco traseiro do automóvel e, àquela altura, eu já sabia que ela era uma mulher acostumada a ter suas vontades satisfeitas.

– Por favor, tenha a bondade – disse Alessandro, abrindo a porta para eu passar.

Não havia mais nada a fazer além de entrar no hotel. O prédio me recebeu com fria serenidade, o teto alto sustentado por colunas de mármore e apenas muito vagamente, vindo de algum ponto abaixo de nós, pude discernir o som de pessoas cantando enquanto mexiam em vasilhas e panelas.

– *Buongiorno!* – saudou-nos um homem imponente de terno e colete, levantando-se atrás do balcão da recepção, com um crachá de metal informando que seu nome era *direttore* Rossini. – *Benvenu...* ah! – interrompeu-se, ao ver Alessandro. – *Benvenuto, Capitano.*

Espalmei as duas mãos sobre o mármore verde, com o que esperava ser um sorriso cativante.

– Olá. Meu nome é Giulietta Tolomei. Tenho uma reserva. Dê-me licença um instante... – Eu me virei para Alessandro. – Bem, então é isso. Cheguei em segurança.

– Sinto muitíssimo, *signorina* – disse o *direttore* Rossini –, mas não tenho uma reserva no seu nome.

– Oh! Mas eu tinha certeza... Isso cria algum problema?

– É o Palió! – respondeu ele, erguendo as mãos, exasperado. – O hotel está lotado! Mas... – Bateu na tela do computador – tenho aqui o número de um cartão de crédito em nome de Julie Jacobs. Reserva para uma pessoa por uma semana. Chegando hoje dos Estados Unidos. Poderia ser a senhorita?

Olhei de relance para Alessandro, que retribuiu meu olhar com completa indiferença.

– Sim, sou eu – respondi.

O *direttore* Rossini pareceu surpreso:

– A senhorita é Julie Jacobs? *E* Giulietta Tolomei?

– Bem... sim.

– Mas... – O *direttore* Rossini deu um passo para o lado, a fim de olhar melhor

para Alessandro, as sobrancelhas formando um ponto de interrogação cortês. – *C'è un problema?*

– *Nessun problema* – respondeu Alessandro, olhando para nós dois com o que só podia ser uma inexpressividade proposital. – Srta. Jacobs, aproveite sua estada em Siena.

Num piscar de olhos, o afilhado de Eva Maria se retirou e fiquei com o *direttore* Rossini, num silêncio incômodo. Só depois que preenchi todos os formulários que ele pôs na minha frente, o gerente do hotel enfim se permitiu sorrir.

– Então... a senhorita é amiga do capitão Santini?

Olhei para trás:

– O senhor se refere ao homem que estava aqui agora há pouco? Não, não somos amigos. É esse o nome dele, Santini?

O *direttore* Rossini claramente achou que me faltava inteligência:

– O nome dele é *capitão* Santini. Ele é o... como se diz... o chefe da segurança em Monte dei Paschi. No Palazzo Salimbeni.

Devo ter feito um ar assustado, porque o *direttore* Rossini se apressou a me tranquilizar:

– Não se preocupe, não há criminosos em Siena. Esta é uma cidade muito pacífica. Houve um criminoso aqui, uma vez – ele riu consigo mesmo, enquanto tocava a campainha para chamar o mensageiro –, mas demos um jeito nele!

Eu havia passado horas ansiando por desabar numa cama, mas agora, quando finalmente poderia fazê-lo, em vez de me deitar, fiquei andando de um lado para outro no quarto do hotel, remoendo a possibilidade de que Alessandro Santini fizesse uma investigação sobre meu nome e desencavasse meu passado tenebroso. A última coisa de que eu precisava era que alguém em Siena puxasse o antigo arquivo de Julie Jacobs, descobrisse meu fiasco em Roma e desse um fim prematuro a minha caça ao tesouro.

Pouco depois, quando liguei para Umberto para lhe dizer que havia chegado sã e salva, ele deve ter notado a apreensão em minha voz, porque soube no mesmo instante que havia algo errado.

– Ah, não é nada – afirmei. – Foi só um sujeitinho todo formal, vestido de Armani, que descobriu que tenho dois nomes.

– Mas ele é italiano – foi a resposta sensata de Umberto. – Não vai se importar se você desrespeitar um pouquinho uma lei, desde que calce belos sapatos. Você está de sapatos bonitos? Está usando os sapatos que mandei?... *Principessa?*

Baixei os olhos para as sandálias de dedo:

– Acho que estou frita.

AO ME DEITAR nessa noite, comecei de imediato a ter um sonho recorrente que havia meses não tinha, mas que fizera parte da minha vida desde a infância. No

sonho, eu andava por um castelo magnífico, com pisos de mosaico e tetos de catedral, sustentados por imensas pilastras de mármore, e abria uma porta dourada atrás da outra, perguntando a mim mesma onde estavam todos. A única luz provinha de estreitas janelas de vitral lá no alto, muito acima da minha cabeça, cujos feixes de luz colorida pouco ajudavam a iluminar os cantos escuros à minha volta.

Ao atravessar aqueles vastos aposentos, eu me sentia como uma criança perdida na floresta e ficava frustrada por sentir a presença de outras pessoas, sem que elas jamais se mostrassem a mim. Quando eu ficava quieta, podia ouvi-las murmurando e esvoaçando para lá e para cá, como fantasmas. No entanto, se eram mesmo seres etéreos, ainda estavam tão aprisionadas quanto eu, à procura de uma saída.

Somente ao ler a peça, quando estava no ensino médio, descobri que aquilo que os demônios invisíveis sussurravam eram fragmentos de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare – não como atores declamando os versos no palco, mas os resmungando com serena intensidade, como um feitiço. Ou uma maldição.

I. III

Em três horas Julieta está desperta

Foram necessários os sinos da basílica, do outro lado da piazza, para finalmente me despertar do sono. Dois minutos depois, o *direttore* Rossini bateu à minha porta, como se soubesse que seria impossível eu ter continuado a dormir com aquela barulheira.

– Com licença! – Sem esperar um convite, arrastou uma grande mala para dentro do meu quarto e a colocou no suporte vazio da bagagem. – Isto chegou para a senhorita ontem à noite.

– Espere! – exclamei, soltando a porta e apertando o máximo que podia o roupão do hotel em torno do corpo. – Essa mala não é minha.

– Eu sei. – Ele tirou um lenço do bolso interno do paletó e enxugou uma gota de suor na testa. – Veio da *contessa* Salimbeni. Tome, ela lhe deixou um bilhete.

Peguei o papel que ele me estendia:

– O que exatamente é uma *contessa*?

– Normalmente eu não carrego bagagens – disse o *direttore* Rossini, com certa dignidade. – Mas, como foi a *contessa* Salimbeni...

– Ela está me emprestando roupas? – perguntei, olhando incrédula para o bilhete de Eva Maria. – E sapatos?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br